Em distritos da zona rural de Londrina, as narrativas de trabalhadores e ex-trabalhadores da cafeicultura diante de fotografias tiradas entre 1957 e 1970, por Armínio Kaiser na região norte do Paraná. Do êxito ao êxodo, a memória viva do café.

Realização

Câmara Clara

Patrocínio

PREFEITURA DE LONDRINA
CULTURA-PROMIC

REDE Cidadania

grãos de ouro em sais de prata

qual o ponto que lhe toca ?

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

Na origem da palavra, fotografia, escrita da luz.

Escrita que não se dá a ler, mas a ver e a narrar sobre ela. Entre o instante fixado nos sais de prata do negativo fotográfico e os inúmeros percursos, recursos e discursos de uma fotografia, os homens e mulheres que se colocam diante delas tentam dar sentido ao que vêem, sentem e compreendem. Entre o imaginário e o cultural, o sujeito compõe significados para as representações contidas naquela superfície, ao mesmo tempo em que nela vive uma aventura do sensível.

Na alquimia própria dos sais de prata, grãos de luz nos animam e encaminham à aventura de construir histórias, (de)cantar memórias, inventar narrativas. Narrativas do olhar, tecidas pelo corpo, que todo é memória. Nas marcas de expresão, na textura da pele, na aspereza das mãos, na postura, trazemos conosco inscrições do tempo, vestígios de experiências que constituem o corpo que olha, sente, recorda e compreende.

Este exercício nos força a construir significados no silêncio da razão. Provoca perceber, na irradiação do instante fixado, os movimentos do tempo. De qualquer modo, ver uma fotografia não é tarefa simples. Este ato de observação exige curiosidade, atenção e coragem. Ela, a fotografia, requer senso de aventura, mergulho vertical, movimento abissal, como bem destaca Etienne Samain, fotógrafo, professor e pesquisador de antropologia visual.

Em mergulho abissal rumo aos sais de prata, detalhes, vestígios de seres e signos, traços da realidade visível, grãos de luz e sombra. Perceber em cada foto o ponto que lhe toca, fere, punge, mortifica. Que detalhe lhe desperta e lhe "anima", fazendo sua imaginação "animar" a fotografia.

Eis o *punctum*, o conceito que Roland Barthes - semiólogo, ensaista e pensador francês falecido em 1980 - desenvolveu no livro "A Câmara Clara. Notas sobre a fotografia", que inspira o trabalho.

Se valem mesmo por mil palavras como se acostumou dizer, encaremos cada imagem por um tempo suficiente que nos permita imaginar os discursos que profetizam sobre o passado. Uma imagem sempre esconde outra. Navegue-as. Descubra-as.

(Daniel Choma)

Foto de Daniel Choma. Publicação CamaraClara.org.br

o projeto audiovisual

Durante o ano de 2008, a equipe de produção formada por Daniel Choma, Tati Costa e Edson Vieira percorreu quatro distritos da zona rural de Londrina-PR - São Luiz, Patrimônio Regina, Paiquerê e Espírito Santo. O contato com as comunidades se deu a partir de escolas públicas locais, diretamente com as professoras do curso de Alfabetização de Jovens e Adultos. Estas turmas costumam ser majoritariamente compostas por idosos, e o trabalho buscou dialogar com trabalhadores e ex-trabalhadores do café que viveram suas juventudes por volta das décadas de 1950 e 1960, período em que Armínio Kaiser realizou seu registros nas lavouras de café.

Armínio Kaiser, atualmente com 83 anos, trabalhou no Instituto Brasileiro do Café entre 1953 e 1989. Como engenheiro agrônomo e técnico do IBC, percorreu inúmeras fazendas e pequenas propriedades da região prestando assessoria técnica aos cafeicultores. Sempre carregava consigo, uma, duas ou até quatro de suas câmeras fotográficas (de filmes formato 6x6 cm e 35 mm), mais por gosto pessoal que por função de sua profissão. Suas fotografias registram as diversas etapas do trabalho e o drama cotidiano de homens e mulheres que trilharam suas vidas nos caminhos do café.

o projeto audiovisual

Para o trabalho de pesquisa selecionou-se um conjunto de 130 fotografias, representativas de um acervo composto por 1291 imagens. Produzidas entre 1957 e 1970 por Armínio Kaiser, estes primorosos registros permitem visualizar desde a queimada e derrubada de árvores em terras virgens até o preparo da terra para plantio. As etapas do cultivo: dos viveiros a cova; da florada a colheita; da secagem e transporte a classificação e armazenagem. Trazem para perto o cotidiano nas colônias de trabalhadores - casas, bares, famílias, lavadeiras no rio. Boiada na estrada, escola, procissão, estilingue. Revelam a tragédia da erosão em terras arenosas como as de Paranavaí (PR), a devastação dos cafeeiros pelas geadas, os efeitos do grande incêndio rural de 1963. Múltiplas reminiscências do que Armínio denominou por desassossego - a miséria e o êxodo rural enfrentado por muitos após a erradicação de grande parte das lavouras de café na região norte do Paraná.

As vinte entrevistas realizadas pelo projeto “Grãos de ouro sem sais de prata - memórias do café” em Londrina e nos distritos da zona rural - trazem narrativas de sujeitos muitas vezes excluídos do discurso histórico oficial sobre a cafeicultura. Personagens anônimos que através do meio audiovisual ganham voz e cujas memórias revelam, ao bom ouvinte, cores, formas, fragrâncias, músicas e texturas únicas. Memórias que se refazem no tempo presente, sol a sol, grão a grão.

Foto de Armínio Kaiser, Publicação CamaraClara.org.br

Magníficas estradas de rodagem. Clima salubérrimo. Safras abundantes. Não há saúvas. Vendas garantidas e facilidades no pagamento. Terras que tudo produzem. Fertilidade sem par. Altitude própria para café. Água excelente e abundante. Não há saúvas.

Era o que dizia o anúncio, em 23 de maio de 1937, publicado no periódico Paraná-Norte pela Companhia de Terras Norte do Paraná. “A maior empresa colonizadora da América do Sul”, segundo os dizeres. A comercialização de lotes a preços acessíveis atraiu muitos pequenos agricultores que sonhavam em adquirir uma propriedade. Mas para além das oportunidades, a necessidade e o senso de aventura impulsionaram o fluxo migratório que povoou a região norte do Paraná.

Lúcia veio de Minas. Bisneta de índia, bisavô escravo negro.
Armínio, da Bahia. Estevam, do Ceará. Realino, das Gerais.
De navio, da itália, vieram os avós. De carroça, de São Paulo, seus pais.
Do Japão até aqui. João, Maria e seus caminhos.
Daqui pra lá. De lá pra cá.

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

cotidianos

Na roça a semana inteira. Sábado e domingo lavar a casa, torrar café, socar arroz, fazer pão, bolacha. Matar o porco, a galinha. Antonia, desde os nove anos a mexer com suas panelas. Sem luz – sem geladeira nem televisão – cozinhava feijão dia sim, dia não.

Puxar água pra tomar banho, puxar água pra fazer comida - três quilometros com um balde na cabeça.

E como era a roupa? Barro e mais bairro. Pois o café suja muito. Saudades de lavar roupa no rio? Deus o livre! Levar a baciada de roupa, a lata com sabão, lenha e tijolo para ferver as peças... Tudo na beira do rio. Esfregava a roupa com sabugo, sabugo de milho. Chegava a perder a roupa que caia no rio - Marina não sabia nadar. Elza e Lúcia, têm saudades. Antonia repete, “Deus o livre!”

plantio

“No fim dos anos 40. Tinha acabado a guerra então o pessoal estava desesperado pra plantar café porque estava rendendo um dinheirão. E... Por um preço caro. Muito caro. Um preço caro, que foi a erosão. Principalmente a erosão na região de Paranavaí. Por outro lado, isso foi o que formou o Norte do Paraná. Agora: o que ficou aqui, da riqueza produzida pelo café, foi um milésimo. O resto, a grande quantidade, foi para São Paulo, Curitiba. Aonde está a lógica deste fato?” *(Armínio Kaiser)*

“Quando nós chegamos aqui, há cinquenta anos atrás, nós começamos a encher saquinho de café, sabe? Comprava semente, fazia um canteiro e colocava terra - tirada do mato. Depois colocava areia, mais um pouco de terra e então semeava. Aí jogava terra adubada por cima e a cada três dias ia aguando. E quando ela estava de palitinho...” *(Sebastiana Rosa Marques)*

“Aí você punha todos os palitinhos no saquinho. Dali a poucos dias a folhinha ia-se abrindo. Nós chamávamos de orelha de onça, quando dava a primeira folha. Né compadre? Chamava orelha de onça...” *(João Jerci Tercioti - ‘Jerson’)*

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

Foto de Armínio Kaiser.
Publicação CamaraClara.org.br

colheita

"É quase noventa dias de colheita... É puxado! Isso com o tempo ajudando... Inclusive a colheita é na época do frio. Começou o inverno, começa a colher café. Dia curto, chove, demora a secar. A época mais pesada do café é a colheita."
(Ademir Turini)

"E a poeira do café que vinha na gente? Nossa senhora! É de matar, viu? A mulherada era fogo, e cantava... Ia rastelando e cantando..."
(Antonia Aparecida da Silva)

"Abanar é pesado. É pesado sim. Precisa estar com o café verde, maduro, que está pesado, né. Agora quando tem o cafezinho seco, não, aí fica maneiro. Mas sempre você tem que colher ele verde, maduro. E pra fazer isso aqui a pessoa tem que ficar com o corpo firme, porque se ele perder a aquela fita de café, ela vem pra riba dele." *(Realino Marques)*

"Você joga e o vento já vai separando elas. Porque se jogar embolado, você joga cinco, seis vezes pra cima. E o abanador de café, é três vezes só que joga pra cima. Você pega aqui e uma, duas, três... Mais do que três é prejuízo!" *(Marinho)*

secagem

O sol estando bom, de hora em hora uma rodada.
No terreirão, homens caminham a movimentar montes de café.
Os cafés secos da beirada vão para baixo, os de dentro para fora.
Cinco a seis dias no terreiro. Sempre rodando, rodando, rodando.
Até que todos os grãos fiquem pretinhos.
No terreirão é que os bailes aconteciam.
Sob o som da sanfona, sob a lona improvisada.
Há homens que não saem do terreirão.
Sob o sol e o som do rastelo, gira o café.

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

beneficiamento e armazenagem

Após passar quase uma semana no terreiro, e por duas horas no secador, o café é levado para beneficiamento. Lá o maquinista define a renda do café, que varia de acordo com o tipo e o grau de impurezas (gravetos, folhas, ciscos, torrões de terra). Na máquina o café é descascado, pesado e novamente ensacado para então ser comercializado.

Até 1989, o café beneficiado era levado para armazéns do IBC – Instituto Brasileiro do Café, órgão do governo federal que então regulava o comércio.

Lá, dentre os trabalhadores, os saqueiros eram maioria. Ganhavam por saca de café transportada. E então, com sessenta quilos na cabeça, eles corriam. Corriam a empilhar montanhas. Conta-se ter visto, com os próprios olhos, um homem a subir escadas com uma saca de café sendo levada com a força de apenas um abraço.

De cima do caminhão recém chegado da fazenda, os compadres Gérson e Raphael jogavam de “aviãozinho” para os saqueiros à espera lá em baixo. “A saqueirada era bom viu? Então a gente soltava a sacaria pra eles. Soltava, não. Era jogado mesmo, né compadre? Eles falavam ‘solta aviãozinho pra nós aí!’. Eles gostavam que vinha meio alto, ajeitavam na cabeça e iam embora. E eu jogava, ia jogando...” *(Raphael Magro)*

geadas

“Você sabe do quê que meu avô morreu? O café.
O café dele eram árvores, os pés. Coisa mais linda, precisava escada pra apanhar o café.

E naquela geada que queimou até a raiz... Ele levantou de manhã e, no que viu tudo branco, andou café, andou pasto, andou por tudo. A geada queimou todo o cafezal, o sítio inteiro, não restou nada. Ele ficou desesperado...

Chegou em casa igual uma múmia, não andava mais. Duro, duro, duro. Congelou tanto o sangue que quando tentaram esquentar ele, esquentar ele... deu infarto.

Mas assim mesmo, ainda ele durou um mês. Mas a geada matou ele.
Matou o café e matou ele também”.

(depoimento de Marina Feltrin Ricci)

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

o grande incêndio de 1963

"Deu uma geada enorme. E uma ponta de cigarro que jogasse era suficiente pra começar um grande incêndio. Então teve lugar aí que o fogo passou duas vezes no mesmo lugar." *(Raphael Magro)*

Em 1963, um incêndio rural tomou conta de uma grande área agrícola do norte do Paraná. Após a geada, queimados pelo frio, pastos e cafezais ficaram secos. Os trabalhadores costumavam atear fogo para fazer o plantio esperando a chuva. A estiagem foi longa, a chuva não veio, e o fogo... O fogo invadiu tudo. O incêndio durou cerca de quatro meses, se alastrando de uma fazenda a outra, transformando em cinzas pontes, casas, lavouras, o trabalho de anos.

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

erradicação dos cafeeiros

"Em 1959 o Paraná produziu mais de 20 milhões de sacas de café. Entupiu tudo quanto foi armazém. E depois continuou produzindo mais café, café, café. E o IBC abrindo armazém, recebendo café. Chegou um ponto que não agüentava mais, então veio o problema da erradicação. Essa erradicação teve o preço também. Teve o preço violento que foi o êxodo rural, que foi gente saindo daqui pra ali, daqui pra acolá... Marias, Josés, carregando filhos pra cá e pra lá, não é?" *(Armínio Kaiser)*

"Acabou. Nego não quer plantar mais. Ah, eu vou plantar café aí, vou ponhar aí 200 mil pés de café de novo? E se der outra geada? Vai pensar na geada, ele não vai pensar no futuro, ninguém pensa mais. Vai gear de novo, vou perder dinheiro. Vai plantando terra branca... e é onde está todo mundo plantando só isso aí e nós estamos pra baixo. Você olha lá aquele terrenão, niveladinho,que nem a senhora vem de lá pra cá lá na fazendinha, a senhora vê. Aquilo ali era tudo café minha senhora. Tudo, tudo. Depois que deu uma geada olhe como é que está: só vê soja, milho, trigo, terra branca. Ali só entra trator, ali acabou o serviço de bóia fria. Se planta soja e tem lá um matinho, o cara vem com veneno e passa. O serviço de bóia fria acabou. E a população, pra trás." *(João Jacinto de Morais)*

"Você vê, lá, o maquinário tudo faz. Lá, mão de obra não tem. Lá, é o trator, a máquina agrícola que passa e faz todo o serviço. Então pra gente mesmo... a esperança da gente é só o café." *(Marinho)*

O processo de erradicação dos cafeeiros começou na década de 1960, com incentivo federal, e prossegue até hoje, no flutuar dos mercados, já que a extinsão da cafeicultura na região do entorno de Londrina não foi total. Mesmo com a drástica redução da área plantada, o café continuou sendo viável economicamente para pequenos e médios agricultores, por não precisar de grande investimento em maquinário.

"Porque a renda boa que dá até hoje é o café, toda vida foi e continua sendo. É o café. Aí com a geada... Nesse ano mesmo está marcando geada, geada forte. E a turma está toda preocupada, porque se acabou o café acabou o dinheiro." *(Elza Maria dos Santos Rosa)*

desassossego

Pra cá, pra lá. Marias Josés carregando filhos. Sabe-se lá para onde. Panela boneca febre dor fome incertezas, eis sua companhia. Com as raízes cortadas e à beira do asfalto, há algum sentido? De pouco serve os braços fortes e os olhos iletrados do novo desempregado, que mira perdido as ruas da cidade.

O êxodo rural foi e continua sendo a principal conseqüência da substituição da cafeicultura, que requer muitos braços, pela chamada “terra branca” - soja, trigo, milho - lavouras que exigem grandes máquinas e poucos homens para o trabalho.

E que futuro os espera nas grandes cidades?

equipe técnica

Direção, Fotografia e Edição: **Daniel Choma**
Pesquisa e Produção: **Tati Costa**
Fotografias de Bastidores: **Edson Vieira e Tati Costa**
Fotografias décadas de 1950, 1960 e 1970: **Armínio Kaiser**
Criação Gráfica: **André Betschart**
Trilha Sonora: **Antonio Saliba**
Composição de Textos: **Paula Barbosa e Daniel Choma**
Assessoria de Imprensa: **Monica Laurito**
Realização: **Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem**
Patrocínio: **Promic - Programa Municipal de Incentivo a Cultura - Secretaria de Cultura - Prefeitura de Londrina**

Contato: **camara.clara@yahoo.com.br**
Website do projeto: **www.camaraclara.org.br**

colaboradores

Alencar Turini
Ademir Turini
Antônia Aparecida da Silva
Armínio Kaiser
Castorina Matias da Cruz
Elza Maria dos Santos Rosa
Estevam Gomes da Silva Filho
Francisco Pierolli
Gilberto Turini
Jeni Antônio da Silva
João Jacinto de Morais
João Jerci Tercioti (Jerson)
Lúcia Helena do Nascimento
Marina Feltrin Ricci
Osmar da Silva Cruz (Marinho)
Otacílio João Duarte
Raphael Magro
Realino Marques
Sebastiana Rosa Marques
Wilson Alexandrino

Agradecimentos: Professora Sonia Maria Gomes Delmonaco, Escola Municipal Francisco Aquino Toledo (São Luiz, PR); Professora Hilda Goulart dos Santos, Escola Municipal Armando Rosário Castelo (Paiquerê, PR); D. Sebastiana Tercioti - Restaurante Vó Tatau (Patrimônio Regina, PR); Sr. Expedito do Espírito Santo de Castro– Máquina de beneficiamento de café Rolinha (São Luiz, PR); Escola Municipal Luiz Marques Castelo (Espírito Santo, PR); Professoras Marilda e Sonia e estudantes do Ensino de Jovens e Adultos da Escola Municipal Prof. Bento Munhoz da Rocha Neto (Lerroville, PR).

Foto de Armínio Kaiser. Publicação CamaraClara.org.br

“E pedia chuva pra Deus.
E Deus mandava um chuvão.
Eu alembro que Deus mandava um chuvão...”